



## PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS NEGRAS ROMPENDO A FRONTEIRA DA INVISIBILIDADE

Cristiane Barbosa Soares<sup>1</sup>  
Fabiane Ferreira da Silva<sup>2</sup>

### Resumo

Apresentamos um recorte inicial de uma pesquisa em andamento, aqui buscamos visibilizar o número de professoras negras do magistério superior público dos *campi* da fronteira oeste do estado, da Universidade Federal do Pampa. Para tanto, buscou-se quantificar o número de docentes dos *campi* das cidades de Alegrete, Itaqui, São Borja e Uruguaiiana a partir dos dados disponíveis no site da universidade. Assim, o mapeamento inicial destacou que num quadro de 434 docentes, apenas 2,3% representam o número de mulheres negras. Tendo em vista os processos que identificam esta instituição e que inscrevem as especificidades de seus *campi*, é necessário o reconhecimento da categoria racial em bases de dados institucionais a fim de superar as desigualdades existentes no campo acadêmico.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Docência. Ensino Superior.

### Introdução


A educação ao longo de sua trajetória constituiu-se em uma ferramenta que restringiu a presença das mulheres em cursos superiores. Com isso, o discurso que inscreve o mundo da ciência estruturou-se em bases exclusivamente masculinas, visto a invisibilidade da mulher na academia e as negações das produções científicas daquelas que faziam parte do meio acadêmico (SILVA, 2012). Diante da invisibilidade das mulheres no campo educacional e frente a um cenário permeado por processos históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos, destaca-se as mulheres negras professoras do ensino superior público que se inserem num âmbito que, tradicionalmente, sempre foi ocupado por homens brancos, e recentemente, por mulheres não-negras.

A presença de mulheres em instituições de ensino superior ainda é tímida, segundo Vianna (2001) “as mulheres são maioria na Educação Básica, porém exercem atividades bem definidas na carreira. A Educação Infantil arregimenta mais de 90% das educadoras, enquanto

<sup>1</sup> Estudante de Mestrado do PPGEC – Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Pampa – campus Uruguaiiana, cristi.soa@gmail.com

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiiana, fabianesilva@unipampa.edu.br





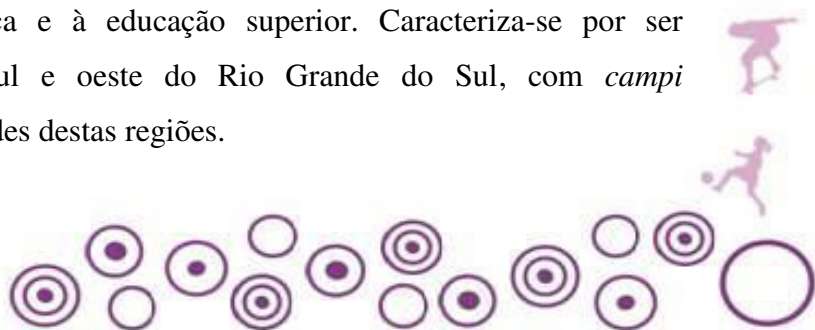
no Ensino Superior as mulheres ainda são uma minoria, em especial nas carreiras tidas como masculinas” (p. 92). Com isso, ressalta-se o quanto o ensino primário, ao longo do século XX, foi legitimando olhares de zelo, cuidado, sensibilidade e demais características tidas como femininas para o exercício da docência.


Atualmente, na educação básica e superior há um expressivo número de mulheres não-negras no exercício da docência, no entanto, quando se analisa o cenário do ensino superior percebe-se uma separação sexista em função das áreas do conhecimento. Ao mesmo tempo, quando se refere às mulheres negras o cenário é quase inexistente, como mostra Nogueira (2017), “das professoras e professores atuando no ensino superior, 83,9% são brancas(os), enquanto as professoras e professores negras(os) constituem 14% do total” (p. 1). Ao destacarmos os marcadores de gênero e raça para o recorte nos espaços da docência universitária, percebemos que o número de mulheres negras ainda é inferior quando comparados ao número de mulheres e homens não-negras(os). Como destaca Gomes (1995), a chegada ao magistério para a mulher negra constitui a culminância de múltiplas rupturas e afirmações, a saber, a luta pelo prosseguimento dos estudos, uma profissão que lhe oportunizará garantias de ter espaço no mercado de trabalho, uma profissão que possibilite dar espaço para atuar em outro campo de trabalho e/ou conciliar às atividades do lar. Assim, quando falamos em mulheres negras falamos de demandas ainda mais específicas que devem ser articuladas a gênero e raça, pois tais questões tratadas isoladamente não satisfaz a análise da dinâmica das interações sociais existentes.

Dessa forma, este trabalho vem visibilizar as professoras negras do ensino superior público da Universidade Federal do Pampa trazendo dados referentes ao quadro docente de quatro *campi* desta instituição, localizados na fronteira oeste do estado. Para tanto, buscamos localizar as professoras através de um mapeamento em dados internos da instituição e currículo lattes.

### **Outro olhar sobre a UNIPAMPA: as professoras negras dos *campi* da fronteira oeste**

A Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) surgiu com a responsabilidade de contribuir com a região chamada metade sul do estado do Rio Grande do Sul, que se apresenta como um extenso território, com críticos problemas de desenvolvimento socioeconômico, inclusive de acesso à educação básica e à educação superior. Caracteriza-se por ser *multicampi* e atender as fronteiras sul e oeste do Rio Grande do Sul, com *campi* estrategicamente localizados em 10 cidades destas regiões.





Responsável pela implantação desta Universidade foi criado o Consórcio Universitário da Metade Sul; sendo que em 2005, foi firmado o compromisso, mediante a assinatura de um Acordo de Cooperação Técnica entre o Ministério da Educação, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), prevendo a ampliação da educação superior no Estado. Coube à UFSM implantar os *campi* localizados em São Borja, Itaquí, Alegrete, Uruguaiana e São Gabriel; à UFPEL, coube a implantação dos *campi* de Jaguarão, Bagé, Dom Pedrito, Caçapava do Sul e Santana do Livramento. Mais tarde, a Lei nº 11.640/2008 criou a Fundação Universidade Federal do Pampa, tendo como objetivos ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária, caracterizando sua inserção regional, mediante atuação *multicampi* na mesorregião Metade Sul do Rio Grande do Sul (UNIPAMPA, 2013).




Atualmente a UNIPAMPA comemora os seus 10 anos de implantação, e, segundo dados da Pró-reitoria de Planejamento e Infraestrutura<sup>3</sup>, conta com 65 cursos de graduação, 34 pós-graduação lato sensu, concluídos ou em andamento, e 19 programas de pós-graduação stricto sensu em funcionamento. É importante destacar que, mesmo sendo uma instituição única, sua característica de *multicampia* possibilita que cada campus tenha sua própria identidade a partir das áreas de conhecimento instauradas nestas unidades.

Conforme demarca o mapa, os *campi* que este recorte irá retratar encontram-se na fronteira oeste do estado, nas cidades de Alegrete, Itaquí, São Borja e Uruguaiana. Cada campus com suas características nos oportunizaram dados quantitativos a partir do site institucional, onde foram mapeados inicialmente o número total de docentes em exercício até o mês de maio do ano de 2018 e, após este levantamento inicial, foram realizados recortes de gênero e raça a fim de delimitar o número de professoras negras no quadro docente atual de cada unidade da UNIPAMPA da fronteira oeste. Para tanto, heterodeclaramos<sup>4</sup> as(os)

<sup>3</sup> Tais dados estão disponíveis no site institucional da universidade e são coletados a partir dos censos 2012 a 2016. (<http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/proplan/coordenadoria-de-planejamento-e-desenvolvimento/divisao-de-planejamento-economico/unipampa-em-numeros/>)

<sup>4</sup> Consiste em classificação do sujeito considerando suas características fenotípicas. Para mais informações sobre auto e heterodeclaração, ver: OSÓRIO, R. G. *O sistema classificatório de "cor e raça" do IBGE*. Rio de Janeiro: Ipea, 2003. 50 p.



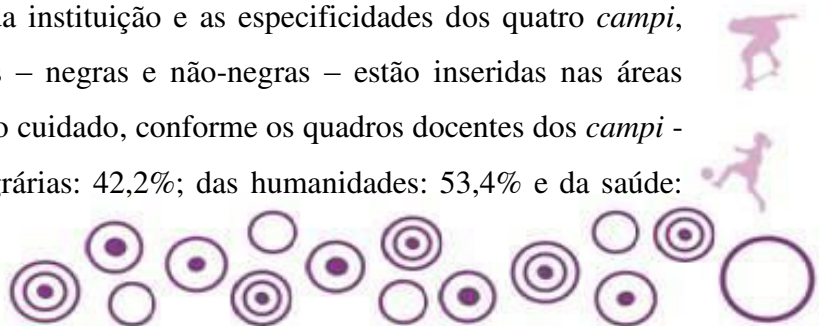



docentes, tanto em gênero quanto em raça, considerando este ser um recorte inicial a partir de análise do currículo lattes e redes sociais.

Os quatro *campi* desta análise apresentam um número total de 434 docentes, incluídos as(os) professoras(es) substitutas(os), sendo 237 professores homens e 197 professoras mulheres, e destas 10 professoras são como negras. No campus da cidade de Alegrete, considerado o campus das engenharias, há sete cursos de graduação: (1) Ciências da Computação; (2) Engenharia Agrícola; (3) Engenharia Civil; (4) Engenharia de Software; (5) Engenharia de Telecomunicações; (6) Engenharia Elétrica; (7) Engenharia Mecânica; e três cursos de pós-graduação na área da engenharia. Neste contexto do campus de Alegrete, há a distribuição de 97 docentes, onde 82 são homens e 15 são mulheres, e destas uma foi identificada como mulher negra.

No campus da cidade de Itaqui, considerado o campus das ciências agrárias, há seis cursos de graduação: (1) Agronomia; (2) Ciência e Tecnologia de Alimentos; (3) Engenharia de Agrimensura; (4) Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia; (5) Matemática; (6) Nutrição; e dois cursos de pós-graduação na área da gestão e ciências exatas. Neste campus há um total de 90 docentes, onde 52 são homens e 38 são mulheres, destas apenas duas foram identificadas como mulheres negras. Já no campus da cidade de São Borja, considerado o campus das humanidades e comunicação, temos sete cursos de graduação: (1) Ciências Humanas; (2) Ciências Sociais – Ciência Política; (3) Comunicação Social – Jornalismo; (4) Comunicação Social – Publicidade e Propaganda; (5) Comunicação Social – Relações Públicas; (6) Licenciatura em Geografia; (7) Serviço Social; e três cursos de pós-graduação nas áreas de comunicação e políticas públicas. O campus São Borja lota 75 docentes, sendo 35 homens e 40 mulheres, destas uma foi identificada como mulher negra. Já o campus da cidade de Uruguaiana, considerado o campus da saúde e o maior dos *campi* desta instituição em números, tem oito cursos de graduação: (1) Aquicultura; (2) Bacharelado em Medicina; (3) Ciências da Natureza – Licenciatura; (4) Enfermagem; (5) Farmácia; (6) Fisioterapia; (7) Licenciatura em Educação Física; (8) Medicina Veterinária; e 21 cursos de pós-graduação, sendo 13 *lato sensu*, concluídos ou em andamento, e 8 *stricto sensu*, nas áreas da saúde e educação. O quadro docente do campus de Uruguaiana tem 172 docentes ao todo, sendo 68 homens e 104 mulheres, destas somente seis foram identificadas como mulheres negras.

Ao apresentarmos a identidade da instituição e as especificidades dos quatro *campi*, nos fica evidente o quanto as mulheres – negras e não-negras – estão inseridas nas áreas consideradas femininas, da educação e do cuidado, conforme os quadros docentes dos *campi* - das engenharias: 15,5%; das ciências agrárias: 42,2%; das humanidades: 53,4% e da saúde:





60,5%, que retratam a presença das mulheres. Os dados nos mostram a não participação das mulheres em determinadas áreas da ciência e confirma a restrita participação das mulheres nas engenharias e ciência da computação, visto o índice de 15,5% de mulheres docentes no campus de Alegrete. Assim, tais dados reforçam a ideia de Silva (2012), quando afirma que os cursos com maior *status* social e considerados masculinos ainda permanecem como áreas predominadas por homens, apesar da existência e resistência das mulheres.

Comparando o número de docentes neste recorte, notamos o expressivo número de mulheres que estão inseridas em carreiras acadêmico-científicas. Um exemplo é o quadro de docentes do campus de Uruguaiana onde, embora legitime a presença feminina em cursos da educação e da saúde, o número de professoras mulheres (60,5%) é consideravelmente superior ao número de professores homens (39,5%). No entanto, quando se trata da articulação de gênero e raça estes avanços desaparecem, dado que do número total de professoras mulheres (45,4%), dos *campi* de Alegrete, Itaqui, São Borja e Uruguaiana, apenas 2,3% são identificadas como mulheres negras. A baixa representatividade de professoras negras nos *campi* da fronteira oeste da UNIPAMPA nos revela a resistência do meio acadêmico em romper com as desigualdades raciais.


### **Considerações Finais**

O campo acadêmico ainda constitui-se como um espaço privilegiado, e, tal privilégio masculino e branco é defendido pelos sujeitos que atuam nesses espaços. Por meio de políticas e estratégias travestidas de regras acadêmicas criam mecanismos para benefício daqueles que são “adequados” para este universo. Considerando a ausência de um recorte de racial dos docentes é questionável se as atuais gestões acadêmico-administrativas levam em consideração tal questão a fim de saber a composição racial e a diversidade que possa existir em seu corpo docente, já que deste modo a instituição acaba naturalizando um tipo de corpo docente.

Segundo o Dossiê mulheres negras, em 2009, “as mulheres negras respondiam por cerca de um quarto da população brasileira, eram quase 50 milhões de mulheres em uma população que naquele ano alcançou 191,7 milhões de brasileiras(os)” (IPEA, 2013, p. 19), e ressalta que do total de mulheres 50% eram negras e 49,3% eram brancas, em números absolutos isso chega a quase 600 mil mulheres negras à mais que brancas. Porém, os dados deste trabalho nos mostram que as mulheres negras não estão atuando nas universidades como docentes e, assim, persiste o questionamento: onde estão as mulheres negras?







O mito da democracia racial que trabalha, na sua forma sutil e institucionalizada, o racismo, inscreve as mulheres negras estereótipos, imposições e violências. De acordo com o alerta da Organização das Nações Unidas (ONU), a população negra é a mais afetada pela desigualdade e pela violência no Brasil. Ainda, conforme o Ministério Público do Trabalho, estes enfrentam mais dificuldades na progressão da carreira, na igualdade salarial e são mais vulneráveis ao assédio moral. Entre 2003 e 2013, o número de mulheres negras assassinadas cresceu 54%, ao passo que o índice de feminicídios de brancas caiu 10% no mesmo período de tempo. Os dados são do Mapa da Violência 2015, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais. As mulheres negras também são mais vitimadas pela violência doméstica: 58,68%, de acordo com informações do Ligue 180 - Central de Atendimento à Mulher, de 2015. Elas também são mais atingidas pela violência obstétrica (65,4%) e pela mortalidade materna (53,6%), de acordo com dados do Ministério da Saúde e da Fiocruz.

De acordo com Oliveira (2006), há uma idealização da mulher negra associada a estereótipos e concepções atribuídas a termos do tipo escrava, doméstica, lavadeira e outros, que evidenciam uma discriminação e afirmação de uma suposta superioridade de uma classe sobre a outra. Essas atribuições de desqualificação as mulheres negras, refletem-se no seu processo diário de resistência. Portanto, interseccionar as categorias de raça e gênero não se trata apenas de uma escolha, mas de uma realidade constatada em números, já que o ser mulher e negra é permear por vezes tripla opressão. Nesse contexto histórico, político e cultural que as mulheres negras encontram-se na sociedade, estar em espaços de saber acadêmico significa transgredir as barreiras estruturais impostas pelas naturalizações históricas.

Partindo do entendimento que a universidade é um espaço privilegiado de (re)construção do conhecimento e de formulação de estratégias para superação das desigualdades e preconceitos, reconhecer a presença das mulheres negras no centro do campo do conhecimento é (re)transformar este espaço em campo de debate e representatividade. No entanto, não estamos em defesa de uma racialização do conhecimento e sim do seu reconhecimento que poderá possibilitar à muitas(os) estudantes o pertencimento necessário para prosseguir no meio e, quiçá, tornarem-se educadoras(es)–pesquisadoras(es), intelectuais negras(as). Pois, enxergar-se no outro é preciso, reconhecer-se no outro é perceber que podemos ser parte deste espaço que muito nos foi negado.

## Referências

GOMES, N. L. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.





INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Dossiê mulheres negras**: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea, 2013. 160p.

NOGUEIRA, A. M. R. O lugar das professoras negras na Universidade Federal de Santa Catarina. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11&13<sup>th</sup> Women's Word Congress – **Anais Eletrônicos**, Florianópolis, 2017.

OLIVEIRA, E. de. **Mulher negra professora universitária**: trajetórias, conflitos e identidade. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

SILVA, F. F. da. **Mulheres na Ciência**: vozes, tempos, lugares e trajetórias. Rio Grande: FURG, 2012, 143f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012.

UNIPAMPA, **Plano de Desenvolvimento Institucional 2014 – 2018**. Bagé: Universidade Federal do Pampa, 2013.

VIANNA, C. P.. Sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu** (17/18) p.81-103, 2001/02.

WASELFISZ, J. J.. **Mapa da Violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. o Flacso Brasil: São Paulo, 2015. Disponível em: [www.mapadaviolencia.org.br](http://www.mapadaviolencia.org.br).





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

